

LEITURAS IRREVERENTES, CONTOS DE FADAS E PEQUENOS LEITORES: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

IRREVERENT READINGS, FAIRY TALES AND SMALL READERS: A METHODOLOGICAL PROPOSAL TO BUILD THE LITERARY READER

LECTURAS IRREVERENTES, CUENTOS DE HADAS Y PEQUEÑOS LECTORES: UNA PROPUESTA METODOLÓGICA EN LA FORMACIÓN DEL PEQUEÑO LECTOR LITERARIO

Maria Paula Obando Rodríguez¹
Renata Junqueira de Souza²

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo as *leituras irreverentes* na formação do pequeno leitor literário. Nesse sentido, o objetivo principal é apresentar uma proposta metodológica para a formação do pequeno leitor literário na perspectiva das *leituras irreverentes*. Parte-se dos pressupostos teóricos que definem o termo, dos elementos que propiciam esse tipo de leitura e de alguns livros infantis que desmitificam tanto as narrativas tradicionais dos contos de fadas, quanto as formas ideais de ser príncipe/princesa. Espera-se contribuir de maneira significativa para as *leituras*, para os textos *irreverentes* e para práticas de leitura que possam implementar e enriquecer a leitura do texto literário em sala de aula.

Palavras chave: Leituras irreverentes. Formação. Pequeno leitor. Contos de fadas.

Abstract: This article has as its object of study the irreverent readings in the formation of the small literary reader. In this sense, the main objective is to present a methodological proposal for the formation of the small literary reader in the perspective of irreverent readings. It starts with the theoretical assumptions that define the term, the elements that provide this type of reading and some children's books that demystify both the traditional narratives of fairy tales and the ideal ways of being a prince/princess. It is expected to contribute significantly with irreverent readings and texts and with reading practices that can implement and enrich the reading of literary texts in the classroom.

Keywords: Irreverent readings. Training. Elementary reader. Fairy tales.

Resumen: El presente artículo tiene por objeto de estudio las lecturas irreverentes en la formación del pequeño lector literario. En este sentido, el objetivo principal es presentar una propuesta metodológica para la formación del pequeño lector literario en la perspectiva de las lecturas irreverentes. Se parte de los supuestos teóricos que definen el término, los elementos que

¹ Licenciada em Pedagogia Infantil – UDFJC (Bogotá/ Colômbia), mestranda no programa da Pós-graduação em Educação (UNESP/ FCT). E-mail: mpaula405@gmail.com. ORCID - <http://orcid.org/0000-0001-6121-625X>

² Livre docente, Prof. Sênior da Universidade Estadual Paulista e Prof. Visitante na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com. ORCID - <http://orcid.org/0000-0003-2227-2544>.

brindan este tipo de lectura y algunos libros infantiles que desmitifican tanto las narrativas tradicionales de los cuentos de hadas, como las formas ideales de ser príncipe/princesa. Se espera contribuir significativamente con lecturas, textos irreverentes y con prácticas lectoras que puedan implementar y enriquecer la lectura de textos literarios en el aula.

Palabras clave: Lecturas irreverentes. Formación. Pequeño lector. Cuentos de hadas.

Introdução

A palavra irreverência provém do latim *irreverens*, *iverrentis* e significa “que não guarda temor respeitoso de algo ou alguém” (CUNHA, 2009, p. 322), uma pessoa irreverente é comumente associada à rebeldia e à objeção de uma determinada ordem lineal. Nesse sentido, interessa-nos pensar a irreverência nos marcos da leitura e especificamente da leitura literária das crianças em virtude das múltiplas possibilidades de ler sob essa perspectiva.

Assim, inauguramos a escrita do presente artigo partindo da questão fundamental sobre o significado das *leituras irreverentes* e a importância da irreverência nos pequenos leitores de literatura infantil. Visamos contribuir com leitores irreverentes cujas leituras multidirecionadas e policromáticas, encontram-se e desencontram para coexistir e significar o mundo de forma ética e estética diversa. Urge-nos pensar nas *leituras irreverentes* não apenas pelo caráter natural de irreverência existente na literatura infantil, mas também porque num mundo vertiginoso em que as redes sociais contribuem cada vez mais com a proliferação de informações, é necessário perguntar-se pelo significado atual da leitura e dos leitores e dessa forma ler e transitar pela experiência leitora de forma cada vez mais consciente, revivendo histórias, personagens, atmosferas e acontecimentos que não podem permanecer na sombra da leitura hermética e limitada.

A predominância e o privilégio da linguagem audiovisual sobre a escrita, a insistência da informação à frente da experiência, uma época marcada pela aceleração e competências ou habilidades individuais como sinônimo de formação, apego ao conhecimento lucrativo, conectividade e comunicabilidade à frente da textualidade, entre outros, seriam algumas das razões que colocariam em dúvida as noções tradicionais sobre o que é leitura e o que são leitores (SKLIAR, 2020, p. 34, tradução nossa).

É, portanto, que pensar nas *leituras irreverentes* implica refletir sobre os seres que as protagonizam, nos lugares possíveis de irreverência leitora, nas histórias literárias que possibilitam questionamentos e novas perspectivas sociais e, claramente, em mediadores de leitura cujas disposições vitais contribuem com a humana e diversa leitura. Assim, considera-se que *leituras*

irreverentes não deveriam ocorrer em lugares homogêneos, unidirecionais, fechados ou limitados, pois elas constituem possibilidades afáveis, abertas, flexíveis, dialógicas e coloridas. As *leituras irreverentes* são irreverentes porque sua própria natureza reconhece a pluralidade e o caráter diferencial de cada ser humano e por tal motivo precisam de coerência entre seus elementos para que aconteçam frutiferamente.

Dessa forma, propomos a abordagem dos elementos que compõem cenários para o desenvolvimento pleno de *leituras irreverentes* pensando em leitores que leem histórias literárias e que encontram nelas um lugar para *ser*, para criar e para recriar autenticamente em contextos de leitura enriquecidos e pensados para tais fins.

Por sua vez, dedicamos um espaço exclusivo para pensar a literatura infantil no contexto da irreverência e observar a forma em que algumas histórias permitem e se permitem a si mesmas serem irreverentes a partir da criatividade e do deslocamento dos seus textos e ilustrações. Trazemos assim, alguns exemplos plasmados e desenvolvidos numa proposta metodológica para crianças do ensino fundamental (7-9 anos) para que se divirtam no exercício da leitura e para que nas palavras de Skliar (2020, p. 51, tradução nossa) possam ler “sem ir na busca de regras, sem ir na busca de leis, sem ir na busca disso que alguns chamam de verdade ou conceito”. É nesse exercício natural de leitura que se desenvolve as mais destacadas qualidades leitoras.

Abordagem teórica das leituras irreverentes e dos leitores irreverentes

O termo *leituras irreverente* foi implementado como núcleo temático do último Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Pereira (Colômbia) - LIJPE 2022. No referido seminário, foram abordados reflexivamente os livros, a edição, a leitura e a mediação de forma alternativa e contracorrente. Por sua vez, a *leitura irreverente* foi definida como “aquela força irredutível que não se permite encerrar num único sentido, uma verdade fossilizada, uma utilidade imediata” (LIJPE, 2022, ONLINE). Algumas falas significativas de autoras(es) são apresentadas no decorrer do presente artigo com a finalidade de ilustrar de forma mais precisa as diferentes concepções sobre *leituras irreverentes* e as formas em que elas têm se manifestado no percurso pessoal das(os) escritoras(es).

Outros âmbitos acadêmicos têm implementado o termo para relatar situações históricas e sociais em que ler na frente de personalidades importantes ou durante eventos de grande envergadura, era considerado um ato de desrespeito e irreverência como no caso do episódio protagonizado em 1843 pela Condessa de Mina durante um passeio de carruagem com a rainha

Isabel II por ler um livro na frente da reverenciada monarca e das princesas da época. O ato da Condessa foi catalogado como uma conduta irreverente produto de uma *educação descuidada* e uma saúde mental deteriorada por causa da perda do seu esposo (MARTÍN, 2003). Desse modo, os jornais prescindiram de alguns detalhes, como por exemplo, o fato de a condessa ler em voz alta para as mulheres que a acompanhavam e o desejo expresso delas para que assim fosse. Os textos jornalísticos insistiam constantemente no comportamento que uma condessa da época devia ter e guardar para si os próprios desejos (MARTÍN, 2003). A partir desse evento, é possível observar um momento histórico em que a leitura em voz alta se tornava irreverente em virtude das lógicas sociais e hierárquicas que operavam nos contextos europeus da época.

Nesse sentido, existem produções acadêmicas que refletem sobre a base conceitual das *leituras irreverentes* a partir de espaços de leitura em comunidade ou comunidades de leitores que contrapõem dialogicamente interpretações diversas sobre textos com potencial para gerar diferentes debates e discussões:

Se uma autêntica comunidade de leitores se instala na sala de aula, surgem leituras irreverentes, que vão na contramão das interpretações usuais. O mediador disposto a ouvir essas vozes seleciona textos poderosos, cria um clima de confiança, pede e oferece justificativas para que os sentidos, ao invés de serem impostos, sejam construídos (HERMIDA, 2013, p. 1, tradução nossa).

Assim, as *leituras irreverentes* respeitam o caráter polissêmico do texto literário, quebrando o padrão cristalizado, escolarizado e prescritivo da leitura, tornando-se desse modo, livre de pretensões dogmáticas e centralizadas. A leitura passa a ser de domínio comunitário, favorecendo o livre trânsito da palavra e das diversas interpretações humanas.

Posto isto, vale a pena discorrer sobre o campo teórico do *leitor irreverente* na perspectiva do letramento literário. Quem é aquele *leitor irreverente* e quais suas características? Como acontece sua formação? Sem dúvida alguma, este tipo de leitor precisa ir além do conhecimento básico gramatical ou do domínio do código escrito, Cerillo (2016, p. 15, tradução nossa) afirma que mesmo conhecendo as regras gramaticais elementais “saberemos ler, mas não seremos leitores: as pessoas se tornam leitoras quando são capazes de explorar e decifrar um texto escrito associando-o às experiências e vivências próprias”, Cosson (2006, p. 26) intensifica e aprofunda a dita definição afirmando que:

na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura

é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade.

Nesse sentido, o *leitor irreverente* além de vivenciar a experiência do outro e apropriar as leituras às próprias experiências, questiona o texto e se questiona a se mesmo na medida em que a leitura literária é reflexo estético do pensamento dos outros e de outras sensibilidades. Nesse viés, é possível afirmar que o leitor inicia sua leitura sendo ele e a finaliza com novas possíveis ideias e interpretações no seu esquema de pensamento.

Outro aspecto importante na caracterização do *leitor irreverente* será a capacidade interpretativa e a compreensão crítica partindo das possíveis conexões do texto com as realidades universais (COSSON, 2006). Por sua vez, a compreensão crítica envolve a habilidade de analisar e questionar os elementos presentes no texto literário, como personagens, enredo, estrutura narrativa, linguagem, contexto histórico e social, entre outros. Trata-se de ir além da superfície do texto, buscando significados mais profundos, nuances e reflexões analíticas (COSSON, 2006).

Partindo disso, é fundamental pensar nos caminhos metodológicos que permitem a formação do leitor literário do ponto de vista da *irreverência*, tarefa desafiante e irreverente em si mesma levando em consideração o caráter escolar da mesma:

[...] não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. Disse em tese porque, na prática, na realidade escolar essa escolarização acaba por adquirir, sim, sentido negativo, pela maneira como ela se tem realizado, no cotidiano da escola. Ou seja: o que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (SOAREZ, 2006, p. 5-6).

Em consequência, resulta fundamental pensar em alternativas que favoreçam a correta escolarização do saber literário pois, na realidade, trata-se de um saber que, como qualquer outro, requer especial atenção e está carregado de um valor epistemológico complexo. Portanto, a formação do *leitor irreverente* requer de tempos e espaços de qualidade dentro da escola e fora dela. Nessa ótica, para efeitos da presente análise propomos que um dos caminhos possíveis para estabelecer linhas metodológicas efetivas na formação do leitor literário é o estabelecimento diálogos entre as ações das (os) bibliotecárias(os) das escolas e as atividades do professor. Por

exemplo, reuniões e capacitações para conhecer as coleções de livros das escolas ou exigir a aquisição de acervos de obras literárias variadas.

Outro aspecto fundamental na formação do *leitor irreverente*, será a flexibilização do currículo escolar para dedicar tempo de qualidade aos momentos de leitura literária na escola, inclusive, à discussão de textos mediados pelo mesmo professor ou pelo mesmo bibliotecário preparado para tais mediações. Em todo caso, a *leitura irreverente* e a formação desse tipo de leitor, exige tempo de qualidade pois, deve respeitar os ritmos de leitura das pessoas que são sempre diversas evitando imposições e pressões que possam prejudicar o envolvimento com a leitura (PENNAC, 2011).

Literatura infantil e histórias irreverentes

Em concordância com as abordagens sobre *leituras irreverentes* no seminário acima mencionado, Andruetto (2022)³ alude às mesmas partindo da busca pela beleza, uma beleza e um sentir estético que em lugar da letargia e do adormecimento, nos permite pensar e acordar conscientemente para enxergar as realidades complexas do mundo e propor novas formas pensá-lo e habitá-lo. Nessa mesma linha de pensamento, Murguía (2022)⁴ reconhece na sua própria trajetória pessoal a irreverência com que a literatura transformou seu modo de ver a vida. De acordo com a escritora, uma das obras mais irreverentes na sua vida foi a conhecida *Iliada*, de Homero. Em virtude disso, a autora ressalta o modo em que a epopeia dota a violência de enorme beleza, o poema é tão belo e tão generoso que não só mostra a morte, também mostra a vida e a suposta beleza da guerra. Assim, um dos epítetos dos troianos é amar a guerra (MURGUÍA, 2022).

Por sua vez, a poesia na perspectiva das *leituras irreverentes* também é salientada pela escritora Yolanda Reyes em diversos textos, a autora reflete sobre o enriquecido gênero literário no contexto das salas de leitura para bebês, afirmando assim que

a poesia nos dá a bem-vinda ao mundo [...] precisamos poemas, contos e toda a literatura possível nas nossas escolas, não para sublinhar as ideias principais, senão porque precisamos passar a vida pelo crivo das palavras; porque precisamos integrar os fatos algumas vezes absurdos e outras vezes aleatórios e

³ Palestra central: “La escritura del cuento” no VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Pereira (Colômbia) - LIJPE em 12 de agosto de 2022.

⁴ Palestra central: “Los cómplices: desde Tom Sawyer hasta Tom Bombadil” no VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Pereira (Colômbia) - LIJPE em 11 de agosto de 2022.

dar-lhes uma ilação porque a nossa tarefa desde que começamos a ter palavras é construir sentidos (REYES, 2017, p. 26, tradução nossa)

As *leituras irreverentes*, nesse olhar, reconhecem o lugar dos primeiros anos de vida do ser humano, posicionando o bebê como leitor e a poesia neste caso, como aquele tecido estético de palavras que o acolhe com amor na busca de uma educação literária e empática.

Contudo, vale a pena destacar que as *leituras irreverentes* são fundamentais nas análises e nas compreensões das produções literárias hodiernas, bem como das correntes de pensamento que as influenciam. As palavras de Garralón (2022)⁵ questionam os ideais sociais da atualidade e se perguntam sobre se temos que fazer o que a maioria das pessoas dizem e pensam, ou aceitar as coisas sem questioná-las como no caso de diferentes contos contemporâneos que na tentativa de outorgar mais relevância à figura feminina por exemplo, acabam relegando o lugar das figuras literárias e do tecido textual estético e sensível próprio da obra literária. Um dos exemplos mais relevantes apresentados por Garralón (2022) é o comparativo entre a introdução do conto infantil *A pequena sereia* de Andersen e uma adaptação contemporânea da mesma obra. O conto adaptado introduz a história da seguinte forma:

Há muito tempo, no fundo de um oceano distante. No alto de uma colina avistava-se um palácio onde vivia o rei Tritão, que tinha sete lindas filhas, sete sereias. Ariel era a filhinha de Triton, uma linda sereia que tinha uma linda voz, e ela adorava cantar. Ariel queria ir para a superfície da terra, mas até completar 15 anos ela não poderia ir (ECHEVERRIA, p. 1, 2015)

Entretanto, o conto original inaugurado em 1837 inicia-se:

Longe, lá longe no mar alto, a água é tão azul como as pétalas da mais bela centaurea e tão límpida como o vidro mais transparente; mas é profunda, muito profunda, tão profunda que nenhuma âncora jamais lá chegou. Seria preciso colocar inúmeras torres de igreja umas sobre as outras para chegarem do leito do mar até à superfície. Nessas profundezas vivia o povo das águas [...] (ANDERSEN, 1996, p. 1)

Enquanto a versão atualizada do conto resume ligeiramente alguns detalhes como os lugares onde se desenvolvem os fatos e as personagens que protagonizam a história, a versão original descreve com extrema delicadeza e pausadamente o contexto da história, submergindo o leitor de forma gradativa e sensível nos demais elementos que compõem o conto e que fazem dele um verdadeiro clássico da literatura infantil. A obra original reflete essa beleza referida por Andruetto, que faz pensar justamente na complexidade dos seus termos e pela ilação das figuras

⁵ Palestra central “Lecturas irreverentes, o cuando hay que ir contra la corriente”, no VI Seminário de Literatura Infantil e Juvenil de Pereira (Colômbia) - LIJPE 6 de agosto de 2022.

literárias que implementa, leva o leitor à procura dos significados daquelas palavras incompreensíveis na sua capacidade de entendimento e à procura outras possíveis interpretações.

Nessa perspectiva, as *leituras irreverentes* são atemporais, críticas e pensantes, são pausadas questionando o passado e o presente dos textos literários. São também irreverentes pelo alcance da sua autenticidade em tempos e espaços únicos de leitura.

Os cenários da irreverência e a mediação de leitura

Preparar os cenários de leitura para possibilitar o desenvolvimento de *leituras irreverentes* na formação do pequeno leitor literário é uma tarefa que requer particular atenção. Conhecidos em outros âmbitos como ambientes de leitura, os cenários "oportunizam às crianças a vivência de experiências estéticas, cognitivas e criativas, capazes de potencializar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil." (ARIOSI; BARBOSA; NETO, 2016, p.45). Nesse sentido, a leitura de literatura infantil traz a ampliação não apenas do repertório cognitivo da criança, mas também novos sentidos à existência humana graças à palavra do outro que humaniza e constitui intersubjetivamente outras existências.

A organização do ambiente traduz uma maneira de compreender a infância, de entender seu desenvolvimento e o papel da educação e do educador. As diferentes formas de organizar o ambiente para o desenvolvimento de atividades de cuidado e educação das crianças pequenas traduzem os objetivos, as concepções e as diretrizes que os adultos possuem com relação ao futuro das novas gerações e às suas ideias pedagógicas. (ARIOSI; BARBOSA; NETO, 2016, p. 48).

Assim, as *leituras irreverentes* exigem um espaço singularizado para propiciar a plena fruição estética da leitura, isto tem estreita relação com as compreensões que a criança faz do texto e seu encontro com outras vozes/autores. Propomos, nesse sentido, cenários circulares que estão em diálogo e coerência com as finalidades do mediador no momento da leitura, de acordo com Ariosi; Barbosa e Neto (2016) as principais dimensões dos ambientes de leitura são:

1. Dimensão física, relacionada com as condições estruturais do ambiente, elementos decorativos e a materialidade do lugar;
2. Dimensão funcional, relacionada com a forma de utilização do lugar e a acessibilidade que as crianças têm aos materiais disponíveis para os momentos de leitura;
3. Dimensão temporal, relacionada com os momentos de leitura preparados e pensados pelo mediador;

4. Dimensão relacional, a qual tem a ver com as formas de diálogo e compartilhamento dentro do ambiente.

Dessa maneira, o cenário propício deve denotar equilíbrio entre os elementos que o compõem, atendendo a cada uma das dimensões já mencionadas, ele precisa ser original, personalizado e sempre intencionado para atingir espaços integrais de leitura. É fundamental também a preparação global do mediador de leitura: a moderação da voz, as intervenções, as perguntas norteadoras durante as leituras e os ritmos ou formas de ler.

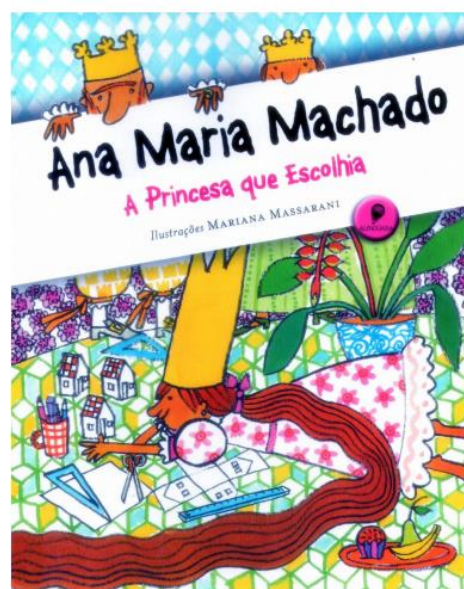
Posto isto, apresenta-se uma proposta metodológica para propiciar um lugar de autênticas *leituras irreverentes*.

Princesas a irreverentes nos contos de fadas

Propomos um ciclo de *leituras irreverentes* iniciando pela leitura coletiva de três livros infantis considerados irreverentes em virtude das narrativas alternativas que apresentam, das descrições diferenciadas das princesas/príncipes e dos finais surpreendentes dos contos de fadas, distantes dos finais dos contos tradicionais.

Nesse sentido, o primeiro conto selecionado é *A princesa que escolhia* de Ana Maria Machado com ilustrações de Massarani (ver figura 1).

Figura 1 – Capa do conto *A princesa que escolhia*



Fonte: acervo das autoras, 2023

A história relata o caso de uma princesa “boazinha e bem-comportada” que sempre obedecia a todos e concordava com todos, especialmente com seu pai. Um dia a princesa decide falar "não" e é isolada numa torre do castelo como castigo, ali desenvolve um particular gosto pelos livros e conhece os filhos do jardineiro com quem brinca e estabelece um estreito vínculo afetivo. Assim, o que parecia um castigo, resulta sendo um golpe de sorte, pois a princesa adquire uma série de conhecimentos que depois se tornam fundamentais para combater uma epidemia na sua região.

Aconselhando o pai e aportando ideias brilhantes para solucionar o problema de saúde do reino, a princesa consegue novamente a liberdade e seus pais lhe permitem escolher livremente (ver figura 2). Um dia, os pais da princesa consideram que ela está no momento de se casar e convocam uma festa para ela escolher o príncipe ideal, a princesa escuta cada um dos pretendentes e acaba outorgando a eles a princesa ideal: um príncipe para Rapunzel, outro para Cinderela, outro para a Bela adormecida, outro para Branca de Neve, mas nenhum compatível com ela.

Figura 2 – Cena da princesa e o pai



Fonte: acervo das autoras, 2023

Assim, a princesa resolve fazer outros planos para sua vida e decide viajar e estudar arquitetura até que finalmente conhece seu príncipe ideal: o filho do jardineiro que também tinha estudado arquitetura e fazia paisagismo (ver figura 3).

Figura 3 – Cena final do conto *A princesa que escolhia*



Fonte: acervo das autoras, 2023

O segundo livro escolhido é o conto infantil *Depois do foram felizes para sempre* escrito por Ilan Brenman e ilustrado por Ionit Zilberman (ver figura 4).

Figura 4 – Capa do conto *Depois do foram felizes para sempre*



Fonte: acervo das autoras, 2023

A narrativa relata com familiaridade os possíveis destinos de alguns dos mais famosos personagens dos contos de fadas tradicionais. Começando pelo lobo dos *Três Porquinhos* (ver figura 5), que “depois de ter feito duas cirurgias de reparação da queimadura no bumbum, causada pela queda no caldeirão fervente dos porquinhos, achou emprego numa empresa de cristais como soprador de vidros” (p. 10). No caso da *Bela Adormecida* (ver figura 6), “não conseguiu ser apenas uma dona de casa feliz. Foi abrir uma loja de colchões, porque de sono ela entende!” (p. 12). A narrativa continua com *Branca de Neve* e *Cinderela* (ver figura 7) que decidiram “abrir uma clínica de reabilitação para bruxas e madrastas más arrependidas” (p. 14).

Figura 5 – Lobo da história dos *Três Porquinhos*



Fonte: acervo das autoras, 2023

Figura 6 – História da *Bela Adormecida*



Fonte: acervo das autoras, 2023

Figura 7 – História da *Branca de Neve e Cinderela*



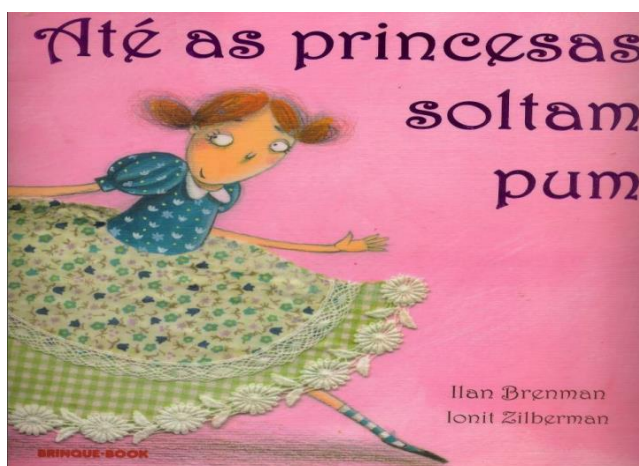
Fonte: acervo das autoras, 2023

Na sequência, o conto prossegue com o destino dos *Sete anões*, que estudaram psicologia para ajudar na clínica da Branca de Neve e Cinderela, o famoso *João (pé de feijão)*, *João e Maria*, *Chapeuzinho vermelho*, *vovó e mãe*, *Rapunzel*, *O pequeno polegar*, *O lobo (do chapeuzinho vermelho)*, *A bela (da fera)*, *A pequena sereia* e *Os três porquinhos*.

Com características intertextuais, o livro permite pensar além do *felizes para sempre*, levando o leitor a brincar com outros finais e com o caráter efêmero da vida, pois afinal, não existe uma felicidade eterna, mas sim continuidade dos momentos ou eventos marcantes e que podem ser fonte de alegria.

A terceira obra selecionada é intitulada *Até as princesas saltam pum*, dos autores do livro anterior Ilan Brenman e Ionit Zilberman (ver figura 8).

Figura 8 – Capa do conto *Até as princesas saltam pum*



Fonte: acervo das autoras, 2023

A temática do livro diz respeito ao o caráter humano das famosas princesas dos contos de fadas tradicionais, pois ao pensar sobre sua extrema delicadeza, nunca se julga que por se tratar de corpos humanos, também existem uma série de necessidades e características fisiológicas das princesas. Assim, trazendo o *Livro Secreto das princesas* (ver figura 9), um pai lê para sua filha uma série de eventos inesperados em que as princesas *soltaram pum* durante as diferentes cenas dos contos que comumente conhecemos.

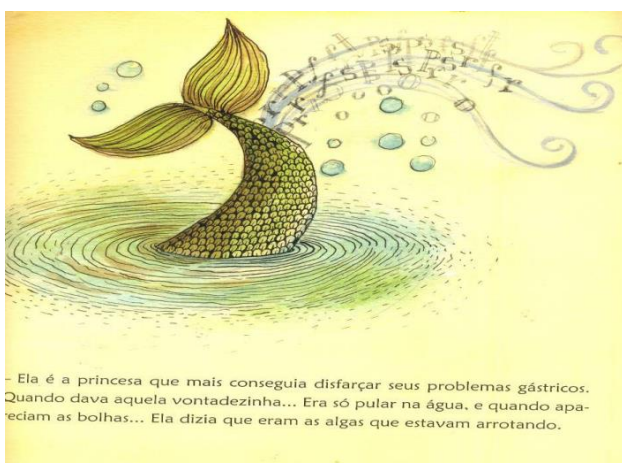
Figura 9 – *Livro Secreto das princesas*



Fonte: acervo das autoras, 2023

O pai desta história revela para sua filha a existência de um capítulo intitulado *Problemas gastrointestinais e flatulências das mais encantadoras princesas do mundo*. Iniciando pelo caso da Cinderela, que após comer duas barras de chocolate *soltou pum* justo quando o príncipe apertou sua cintura, depois foi o caso da Branca de Neve que por causa da comida gordurosa dos anões “soltou um pum tão fedorento, que chegava a ser tóxico” (p. 16), por essa razão teve de ser colocada num caixão de vidro. Até a *Pequena sereia* soltava pum por baixo da água e disfarçava falando que eram as algas arrotando (ver figura 10).

Figura 10 – *A pequena sereia*



Fonte: acervo das autoras, 2023

No final desta história, a pequena interlocutora do conto, enfatiza que apesar das princesas soltarem pum, elas continuam sendo lindas.

A mediação

Propomos o ciclo de leitura das histórias previamente referenciadas em diferentes tempos sem abordar todas numa sessão só. Nesse sentido, podemos iniciar a leitura de qualquer um dos contos solicitando às crianças relatar algumas das histórias tradicionais de princesas que conhecem ou podemos perguntar sobre o que eles sabem de personagens como Branca de Neve, Cinderela, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Os três porquinhos e como são os finais de cada história. Também podemos levar a imagem ampliada das personagens colando num mural ou mesmo na lousa e pedir para as crianças que escrevam as características das personagens.

Uma vez socializados os conhecimentos, percepções e ideias das crianças sobre as histórias tradicionais, iniciamos a leitura do conto escolhido perguntando sobre o que as crianças acham que sugere o título e discutimos a ilustração da capa para verificar se elas inferem se tratar de contos contemporâneos, com as mesmas personagens dos contos de fadas tradicionais.

Na sequência, iniciamos a leitura de uma das histórias (afinal, sugerimos três neste artigo) podemos elaborar perguntas em determinadas passagens da narrativa para que as crianças/ouvintes possam visualizar ou inferir o que está por acontecer.

O relevante, nesse percurso de leitura e apresentação de tantas narrativas irreverentes, é explorar o que cada uma nos permite: como por exemplo, a liberdade para escolher o que fazer no futuro, desmitificar que todo casamento em contos de fadas deva ser com um príncipe tradicional, discutir a felicidade, que não é eterna, mas deve ser valorizada e buscada.

Dessa maneira, o mesmo esquema de leitura pode ser feito para as três obras, com variações nas perguntas, com diferentes maneiras de ler ou contar, utilizar marionetes ou fantoches por exemplo, dependendo da idade dos ouvintes pode motivá-los na participação das discussões, também os jogos de interpretação, as dramatizações podem incentivar as crianças a quererem ler depois de ouvir os contos narrados.

Ao final do ciclo de leituras, podemos levar as crianças a discutirem sobre as semelhanças e diferenças entre os contos tradicionais, levantados no início da atividade e os contos modernos, lidos pelo mediador. Interessante também pode ser levá-las a pensar como personagens protagonistas, que tipo de princesas e príncipes seriam? Para isto, podemos sugerir-lhes criar um monólogo que possam interpretar em sala de aula com roupas representativas onde elas são as protagonistas de uma história criada por eles.

Considerações finais

Abordamos a temática das *leituras irreverentes* com a convicção e a esperança de continuar aprofundando nesse relevante campo conceitual e deixando abertas as possibilidades para que diferentes professores, mediadores de leitura e bibliotecários as pensem desde seus lugares de enunciação. As *leituras irreverentes* que podemos fazer em diversas salas de leitura (seja ou não nos contextos da educação formal) constituem hoje em dia um fato de revolução e de contestação ao fluxo vertiginoso da sociedade atual. Nesse sentido, deter-nos para nos aventurar na palavra literária e refletir sobre ela, nos dá portas de acesso a um pensamento estético que favoreça outras formas de pensar o mundo e habitá-lo com maior afabilidade.

Nesse sentido, não podemos esquecer que a relação entre o espaço de leitura literária, revelado como espaço de "transformação social" necessita do mediador, seja ele professor, pai, mãe, bibliotecário, irmão mais velho, que terá como função abrir o livro e fazê-lo vivo, motivando e empolgando as crianças até então ouvintes para se tornarem crianças leitoras, no mesmo ato, abrindo o livro.

REFERÊNCIAS

ARIOSI, C. M; BARBOSA, G. A; MARTINS, I. A. **Onde ler em voz alta – preparando o ambiente mediador**. In: GIROTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. (Org.). *Literatura e Educação Infantil: para ler, contar e encantar*. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2016, v. 2, p. 45-64.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006b.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 2ª ed. rev. e ampl. de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

HERMIDA, C. *Lecturas irreverentes. Sobre la conversación literaria durante las prácticas docentes del Profesorado en Letras de la UNMdP*. **Instituto Superior Formacion Docente N° 19**, Buenos Aires, v., p. 1-6, 2013. Disponível em <https://jitanjafora.org.ar/HERMIDA%20-%20lecturas%20irreverentes.pdf>. Acesso em: 03 fev 2023.

LIJPE. <https://lijpe.com/conferencias/>.

MARTÍN, J.A. M. La lectura irreverente o la educación descuidada. Un episodio de historia cultural. **Cuadernos de historia contemporánea**, Madrid, v., p. 137-144, 2003. Disponível em <https://revistas.ucm.es/index.php/CHCO/article/view/CHCO0303220137A>. Acesso em: 04 fev 2023.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. (Tradução de Leny Werneck). Porto Alegre, RS: L&PM; RJ: Rocco, 2011.

REYES, Y. La poética de la infancia. 1 ed. Bogotá: Chaco, 2017.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SKLIAR, Carlos. **Lectura y educación**: entre argumentos pedagógicos y literarios. 1 ed. Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2020. Disponível em: <https://cedoc.infed.edu.ar/wp-content/uploads/2020/12/1-Lectura-y-educaci%C3%B3n-Carlos-Skliar.pdf>. Acesso em: 05 fev 2023.

Recebido em: 27/2/2023

Aprovado em: 6/6/2023